



Better Together, 2020,
bronze e Vinil adesivo sobre parede,
235 x 58 x 45 cm (escultura)
Adesivo dimensões variáveis.
Edição de 5 + 2 PA.
Foto: Romulo Fialdini

ENSAIO VISUAL

FLÁVIO CERQUEIRA: MEMÓRIAS, REFERÊNCIAS E FICÇÕES

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA
ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: Neste ensaio visual, observa-se a produção escultórica de Flávio Cerqueira (São Paulo, 1983) a partir de três chaves de leitura: as memórias, as referências e as ficções. Nessa jornada, quatro obras são evocadas com mais ênfase: *Foi assim que me ensinaram* (2011), *Se precisar, conto outra vez* (2016), *Em memória de mim* (2017) e *Uma palavra que não seja esperar* (2018). Ressalte-se, ainda neste exercício, que os eixos de interpretação perpassam as motivações, os modos de produção, os materiais e as técnicas do artista - todos aqueles elementos aplicados a essas e às demais obras de sua criação.

PALAVRAS-CHAVE: Flávio Cerqueira; ensaio visual; artes visuais.

ABSTRACT: In this visual essay, we observe the sculptural production of Flávio Cerqueira (São Paulo, 1983) from three perspectives: memories, references and fictions. In this journey, four works are evoked with greater emphasis: *That's how they taught me* (2011), *If I need to tell you again* (2016), *In memory of me* (2017) and *A word that is not waiting* (2018). It is also worth highlighting in this exercise that the axes of interpretation permeate the artist's motivations, production methods, materials and techniques - all elements applied to these and other works of his creation.

KEYWORDS: Flávio Cerqueira; visual essay; visual arts.

Os modos da produção contemporânea são plurais e, igualmente, são os processos criativos; sendo assim, a obra de arte torna-se campo aberto para diversas interpretações - algo que encontra eco no fazer artístico de Flávio Cerqueira (São Paulo, 1983). Ao longo dos seus 15 anos de percurso, narrativas pessoais, ficcionais e históricas se entrelaçam. Suas esculturas contam sobre memórias, surgem de diversas referências da história da arte, mas também se prestam à construção de **ficções**.

Esses três eixos de leitura das obras são interseccionados e, de modo algum, restringem-se cronologicamente; eles atravessam as obras, tornando-as pluriversais. Essas chaves de interpretação se tornam mais porosas, especialmente quando se aliam às técnicas e aos materiais empregados pelo artista. Dar conta dessa complexidade, por meio da descrição de conceitos, com certeza é tarefa incipiente, mas o acréscimo de um ensaio visual parece ser mais interessante.

Pela perspectiva das referências, observa-se em Cerqueira a opção

pelo processo tradicional de escultura em bronze, conhecido como fundição por cera perdida - uma prática inspirada por Auguste Rodin. Porém, a escolha do bronze, um material associado aos heróis e à monumentalidade, contrasta com a representação de crianças e jovens pobres destinados a uma existência efêmera. Essa traição do artista é ainda mais conflituosa, quando, nas primeiras peças, ele decide recobrir o bronze com pintura, ou seja, de algum modo, o escultor intenciona a negação do material.

Em *Foi assim que me ensinaram* (2011), a experiência com outros materiais diversos ao bronze acontece provocada pela referência do local de produção: a obra foi criada durante residência artística em Portugal, no Palácio Pombal. O uso da faiança, uma forma de cerâmica branca, que possui uma massa menos rica em caulim do que a porcelana, torna-se alusão ao lugar. Nessa peça, também merece destaque a introdução de objetos alheios ao bronze, tal como os livros que servem de assento para o menino de castigo.

Na obra de Cerqueira existe, ainda, o desejo pelo átimo - semelhante a Henri Cartier-Bresson -, porém, no seu repertório, o “instante decisivo” acontece quando as figuras estão no limite de uma descoberta ou de uma transformação. Como na fotografia, o escultor captura o repouso antes de se tornar movimento. Suas cenas e personagens revelam a profundidade da vida no seu manifesto mais simples. Seus trabalhos evocam uma sensação de pausa, um convite ao espectador para refletir sobre sua própria jornada.

Na chave **memórias**, estão as narrativas pessoais que se fazem presentes nas suas obras - algo sutil que varia entre a exclusão e a resiliência, entre a solidão e a resistência. Algumas esculturas são autorreferenciais; são motivadas por histórias e sentimentos do artista. Suas figuras, embora muitas vezes imersas em introspecção ou vulnerabilidade, carregam uma força intrínseca de superação das adversidades. Isso pode ser visto como um reflexo do próprio artista, que dá à arte a função de diálogo com o mundo.

Em seus trabalhos, a vertente surreal surge do paralelo com o artista suíço Alberto Giacometti, que, frequentemente, explora temas existenciais e filosóficos, refletindo sobre as formas de percepção e a condição humana. Por sua vez, Cerqueira aborda questões relacionadas à identidade, memória e história, especialmente no contexto brasileiro, através de figuras apartadas do mundo ou, ainda, no espaço onírico.

É justamente a relação espacial que o aproxima de um terceiro escultor, o espanhol Juan Muñoz. Ambos os artistas usam o espaço para criar uma conexão com o espectador, embora de maneiras diferentes. Cerqueira busca uma interação mais introspectiva e reflexiva, enquanto Muñoz cria cenários que evocam uma resposta emocional e intelectual. Eles constroem narrativas e contextos para suas esculturas, enriquecendo a experiência do observador e adicionando camadas de significado.

Assim sendo, as esculturas de Cerqueira oferecem **ficções**. Nessa

chave, estão as narrativas repletas da poética do lúdico, das pequenas alegrias, da simples brincadeira do menino que faz bolhas de sabão ou da imaginação do outro que flutua com balões coloridos, alçando voos maiores do que a vida real lhe permite. Os títulos dos trabalhos somam-se à ficção. Geralmente, são títulos poéticos que, à semelhança da pintora e escritora Lynette Yiadom-Boakye, transformam o público em coautor do significado da obra.

Nesse ponto, a escolha da figura humana entra em discussão. Seus protagonistas aproximam-se dos personagens negros do pintor norte-americano Jerry James Marshall, porém, Cerqueira segue além... suas crianças e adolescentes são negros, indígenas, mestiços, mas, acima de tudo, periféricos. Quando percebeu que a maioria dos seus personagens eram homens, ele buscou o corpo feminino. Em entrevista recente, ele disse: “Minha mãe via isso e falava: ‘Quando você vai fazer uma menina?’”. Há uma conexão entre Cerqueira e Marshall: ambos atribuem vida, **memórias** e **ficções** aos seus

personagens por meio de um trabalho detalhado e expressivo; eles apreendem a essência e as histórias de seus personagens.

Retomam-se, então, as **memórias** e **referências**. Elas envolvem questões ligadas à história, à história da arte e à construção do conhecimento. Em *Se precisar, conto outra vez* (2016) surgem elementos tais como os livros (dessa vez, representados em bronze), a cruz e a caveira; particularmente esse último objeto remete ao *memento mori*, expressão latina que significa “lembre-se de que você é mortal”, “lembre-se de que você vai morrer” ou “lembre-se da morte”.

Acerca de *Em Memória de mim* (2017), o rapaz negro que faz das mãos castiçais com velas queimadas surge como citação das esculturas *black moor*. Produzidas, em especial, durante o Renascimento e o Barroco, essas esculturas representam figuras africanas, muitas vezes em posturas e trajes exóticos, que serviam como símbolos de luxo e exotismo nas cortes europeias. Elas

eram frequentemente representadas segurando objetos preciosos, como bandejas de prata, castiçais e suportes de plantas, e eram colocadas em espaços de prestígio.

Em *Uma palavra que não seja esperar* (2018), o artista faz uma junção de imagens: a primeira referência vem das mulheres pobres com latas d'água na cabeça e a segunda, da célebre foto da menina norte-americana Ruby Nell Bridges Hall, a primeira criança negra a frequentar uma escola primária branca nos EUA. A menina negra de Cerqueira traz uma pilha de livros na cabeça e abre-se para diversas interpretações, especialmente quando se relaciona com o espaço de exibição.

Na mostra *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, ocorrida no Instituto Moreira Salles, em 2023, a menina poderia ser a própria Carolina. Já na exposição *Flávio Cerqueira, um escultor de significados*, encerrada recentemente no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB São Paulo), a menina dava boas-vindas ao público. E, diga-se aqui,

sobre a pesquisa e o trabalho de arte-educação desta última exposição. Sendo as esculturas de Cerqueira um terreno fértil para refletir sobre questões que envolvem a condição humana, a identidade e a memória, a equipe do CCBB São Paulo produziu visitas guiadas, oficinas de contação de histórias e um espetáculo musical que permitiram o surgimento de novos e múltiplos significados.

Por qualquer chave de interpretação, as esculturas de Cerqueira podem ser vistas como catalisadoras de diálogos e reflexões, ou seja, tornam-se instrumentos para a arte-educação. Como contador de histórias, Cerqueira constrói narrativas abertas, captura ações e eterniza o instante. Ele retrata seus personagens em situações comuns, pessoais e, simultaneamente, universais. O escultor permite que o público seja coautor de ficções. Suas referências pertencem à história e à história da arte e são trabalhadas e deglutidas em seu processo criativo. Vê-se ainda que sua arte pode servir como um meio poderoso para a educação, promovendo uma compreensão mais profunda e diversa do mundo.



Foi assim que me ensinaram, 2011, faiança e livros 104 x 30 x 40 cm. Edição de 5 + 2 PA
Foto: Romulo Fialdini



Iceberg, 2012,
pintura eletrostática sobre bronze,
45 x 30 x 45 cm. Edição de 5 + 2 PA
Foto: Romulo Fialdini



Antes que eu me esqueça, 2013, pintura eletrostática sobre bronze, madeira e espelho, 123 x 35 x 20 cm. Edição de 5 + 2 PA, Foto: Edouard Fraipont

Pretexto para te encontrar, 2013,
pintura automotiva sobre
bronze e cabos de aço,
209 x 50 x 50 cm. Edição de 5 + 2 PA
Foto: Edouard Fraipont



Na medida do Impossível, 2014,
bronze e vidro, Escultura 210 x 60 x 55 cm
+ Bolas de vidros medidas variáveis.
Edição de 5 + 2 PA
Foto: © Ding Musa



Eu vi o Mundo e ele começa dentro de mim, 2015,
bronze, aço inox, sistema de bombeamento
hidráulico, plantas aquáticas, bonsai e água,
165 x 200 x 200 cm. Edição de 3 + 2 PA.
Foto: © Romulo Fialdini



Amnésia, 2015,
tinta latex sobre bronze,
137 x 30 x 26 cm, edição de 5 + 2 PA,
Foto: © Romulo Fialdini



Amnésia,
2015,
tinta latex
sobre bronze,
137 x 30 x
26 cm.
Edição de
5 + 2 PA,
Foto:
© Romulo
Fialdini



Se precisar, conto outra vez, 2016,
bronze, 119 x 56 x 35 cm. Edição de 3 + 1 PA
Foto: © Romulo Fialdini



Eu te disse..., 2016, bronze e livros, dimensões variáveis. Edição de 3 + 1 PA. Foto: © Romulo Fialdini



Em memória de mim, 2017,
bronze e velas derretidas, 118 x 40 x 45 cm.
Edição de 5 + 2 PA
Foto: © Romulo Fialdini



Tião, 2017, bronze, 120 x 35 x 35 cm. Edição de 5 + 2 PA. Foto: © Romulo Fialdini



Uma palavra que não seja esperar, 2018, bronze, 175 x 38 x 49 cm. Edição de 5 + 2 PA. Foto: © E. G. Schempf

Cansei de aceitar assim, 2020,
bronze e sinalização de trânsito,
260 x 60 x 35 cm. Edição de 5 + 2 PA.
Foto: © Romulo Fialdini



No meu céu ainda brilham estrelas, 2023,
bronze, 232 x 52 x 80 cm.
Edição de 5 + 2 PA.
Foto: © Romulo Fialdini





Desenho Cego, 2024, bronze, 155 x 115 x 40 cm.
Foto: Alecsandra Matias de Oliveira

REFERÊNCIAS

CAMERON, Dan. *Seres em intersecção*. Disponível em: <http://flaviocerqueira.com/textos/seres-em-interseccao-dan-cameron/>. Acesso em 12 nov. 2024.

CHIARELLI, Tadeu. *Flávio Cerqueira e a promessa de uma obra*. Disponível em: <http://flaviocerqueira.com/textos/flavio-cerqueira-e-a-promessa-de-uma-obra-tadeu-chiarelli/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CHIARELLI, Tadeu. *Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2015.

Flávio Cerqueira Apresenta Nova Individual “Se precisar, conto outra vez”. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/2016/05/flavio-cerqueira-apresenta-nova-individual-se-precisar-conto-outra-vez/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FLÁVIO CERQUEIRA (2009/2019). Textos de Dan Cameron e Tadeu Chiarelli. São Paulo, 2020.

MENEZES, Hélio. *A escultura no flagrante da ação*. Disponível em: [http://flaviocerqueira.com/textos/a-](http://flaviocerqueira.com/textos/a-escultura-no-fragrante-da-acao-helio-menezes/)

[escultura-no-fragrante-da-acao-helio-menezes/](http://flaviocerqueira.com/textos/a-escultura-no-fragrante-da-acao-helio-menezes/). Acesso: 12 nov. 2024.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. Flávio Cerqueira e nossas memórias exiladas. *Jornal da USP* 06 set. 2019. Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/flavio-cerqueira-e-nossas-memorias-exiladas-2/>. Acesso em 11 ago. 2020.

Plataformas de pesquisa

<https://projetoafro.com/>

<https://flaviocerqueira.com/>

FLÁVIO CERQUEIRA

Nasceu em 1983, em São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha. É mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2018. Atualmente é doutorando em Artes Visuais também na UNESP. Trabalha com os processos tradicionais de fundição em bronze e tem a figura humana como protagonista de sua poética. Ao longo de sua trajetória, Cerqueira participou de inúmeras exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior. Suas obras podem ser encontradas em importantes coleções, como o Instituto Inhotim, o Museu de Arte de São Paulo (MASP), a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu Afro Brasil e o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP).

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA

Nasceu em 1972, em São Paulo, onde vive e trabalha. Doutora em Artes Visuais (ECA USP). Pós-doutorado em Artes Visuais (UNESP). Curadora independente. Professora da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Pesquisadora do Centro Mario Schenberg de Documentação e Pesquisa em Artes (ECA USP). Especialista em Cooperação e Extensão Universitária no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP). Membro da Associação Internacional de Crítica de Arte (AICA). Articulista do *Jornal da USP*, editora da *Revista Arte & Crítica* e colaboradora da *DasArtes*. Autora dos livros *Schenberg: crítica e criação* (EDUSP, 2011) e *Memória da Resistência* (MCSP, 2022).